

Economias dinâmicas e inclusivas

A economia portuguesa não é dinâmica nem inclusiva. Não é inclusiva, porque deixa muita gente de fora dos benefícios do crescimento, nem é dinâmica, como sabemos. Os grandes grupos económicos não são hoje muito diferentes de há 20 ou 50 anos. Está tudo dito.

Phelps tem dedicado muito do seu tempo a defender a necessidade da promoção de economias dinâmicas e inclusivas. Não é, obviamente, o Phelps herói das Olimpíadas de Pequim, mas Ned Phelps, o Nobel da Economia de há dois anos. Independentemente de concordarmos, ou não, com o que ele nos tem para dizer, vale certamente a pena lembrá-lo (1).

Argumenta Phelps que uma sociedade justa exige uma economia que funcione bem e esta requer que seja dinâmica e amplamente inclusiva. Mais ainda, como veremos, o dinamismo de uma sociedade não conflua com a capacidade de inclusão das pessoas, mas, pelo contrário, é complementar. Por último, a exigência moral de uma economia dinâmica e a exigência de uma economia inclusiva decorrem dos mesmos princípios morais de justiça.

O que é uma economia dinâmica? É uma economia com capacidade de inovação tecnológica, de introduzir novos produtos, de financiar a iniciativa e premiar o mérito. E isto de forma continuada e não apenas fruto de um choque tecnológico ou de uma onda de oportunidade que faça o país crescer por um período mais ou menos prolongado. Neste sentido, a economia portuguesa nunca foi uma economia dinâmica. Nem antes nem depois da Revolução de Abril, nem mesmo nos anos 1985-95. Períodos houve de elevado crescimento mas não fruto de um dinamismo sustentado, mas apenas decorrentes de oportunidades historicamente esgotáveis, sejam elas a abertura económica dos anos 60 ou a “entrada na CEE”, 25 anos mais tarde. Nem com o choque tecnológico a história será diferente. Uma economia dinâmica não se alcança com programas *top-down* nem com um Estado que subsidia a inovação sem avaliação de mercado numa espécie de fetichismo tecnológico.

Uma economia dinâmica requer diversidade de pessoas que possam ter ideias com objectivos comerciais; requer diversidade de gestores e diversidade de empresários; exige a diversidade de financiadores; e, por último, diversidade de consumidores. A nota é não só sobre existência dos vários actores, o que muitas vezes não acontece, mas também sobre a sua diversidade, o que raramente se encontra.

Uma economia dinâmica é uma economia com um percurso indeterminado, pois nenhum empresário está absolutamente seguro do sucesso de uma inovação sua e



Luís Campos e Cunha

muito menos das inovações dos outros. Isto exclui, desde logo e mais uma vez, o modelo *top-down* e dirigista pelo Estado da inovação. O Estado não sabe, nem pode saber, quais os sectores e as áreas que uma dada economia num dado momento deve desenvolver. Conhecemos destes erros em grandes quantidades.

Como Phelps argumenta, a teoria económica neoclássica está baseada na noção de equilíbrio, quando o mercado é caracterizado por ser um sistema de desordem criativa e de desequilíbrios. Uma economia dinâmica é imprevisível mesmo no sentido probabilístico: nem as probabilidades das consequências das acções são conhecidas, nem tão-pouco se conhecem todas as suas consequências.

A objecção a uma economia dinâmica é ela criar desigualdades na distribuição da riqueza. Mas Phelps argumenta que não é bem assim. Por um lado, uma economia dinâmica cria empregos, faz crescer a produtividade e os salários. Por outro, e mais importante, é uma economia que tem elevados níveis de participação e actividade, onde a realização das pessoas é possível. A felicidade das pessoas passa pela possibilidade de exercício da imaginação, expansão das suas capacidades, resolução de problemas... Mesmo os aparentemente menos capazes, na medida em que aumentam a diversidade, aumentam o dinamismo da sociedade e asseguram a auto-realização de cada cidadão. Neste aspecto, Phelps foi radical ao defender há mais de uma década a necessidade de o Estado promover activamente a inclusão das pessoas na actividade económica e social. Foi tão longe quanto defender o subsídio aos salários para promover o emprego e a inclusão dos menos qualificados. Como uma vez me disse, “é preferível subsidiar o emprego que o desemprego”.

Como vemos, a defesa de uma economia dinâmica e inclusiva é também uma defesa moral de funcionamento de uma sociedade mais justa.

Phelps é um crítico do chamado Modelo Europeu de Estado Social, argumenta mesmo que muitos dos subsídios de carácter social são muitas vezes uma forma reaccionária (diz mesmo da extrema direita) de “subornar” a classe média para que o Estado possa perpetuar no poder os interesses dos mais ricos, não fomentando a concorrência, evitando que novas grandes empresas surjam e novos grupos possam aceder ao topo. É aquilo que ele chama de “corporativismo” europeu e que é o oposto de uma economia dinâmica e inclusiva.

Considera como primordiais os direitos dos accionistas sobre os gestores e CEO na defesa dos direitos de propriedade de cada investidor, lembra a necessidade do Estado apoiar o sistema de ensino e a introdução de subsídios



RUI GAUDÊNCIO

Os grandes grupos económicos portugueses não são hoje muito diferentes de há 20 ou 50 anos. Está tudo dito

ton, who campaigns for welfare, and Barack Obama, who campaigns for work and development, I know perfectly well which side I am on!”

Tudo isto é importante e relevante para avaliar as políticas, não só deste Governo, mas também de todos os que o antecederam, mais ou menos da direita (pseudo)liberal ou dos intervencionistas da (pseudo) esquerda. *Professor universitário*

1) A interpretação do que Phelps diz é da minha lavra, embora tenha lido muito (mas não tudo) do que ele escreveu. Este artigo é também fruto de conversas como ex-aluno e amigo em tempos mais recentes. Pode o leitor ver, por exemplo, a recente conferência em Buenos Aires Dynamism and Inclusion: What? Why? How? para uma síntese do seu pensamento.

aos salários para promover a inclusão. E mais...

Não se pense que Phelps é um neoliberal, não só porque ele o diz, mas fundamentalmente porque antes de mais é um neo-keynesiano. E ele mesmo o escreveu: “*In the struggle between Hillary Clinton,*